

# Água, a principal commodity do século

Carlos Alberto Lancia \*

**A**tualmente vivemos, em relação à água, duas situações contraditórias. De um lado, a euforia do mercado mundial quanto à perspectiva de o produto tornar-se a principal commodity deste século, a ponto de já estar sendo chamado de "ouro transparente". A produção e o consumo de águas engarrafadas vêm passando por uma revolução, crescendo em escalas vertiginosas em relação a quaisquer outras categorias de bebidas. Nos EUA, por exemplo, a demanda de água engarrafada tem crescido à média de 10% ao ano, enquanto cervejas crescem 1,5%, sucos 1,6% e outras bebidas não alcoólicas não passam de 0,6%, conforme a Beverage Marketing Corp., empresa de Consultoria com sede em Nova York.

Estima-se que o mercado mundial de águas engarrafadas já alcance US\$ 35 bilhões. No Brasil, o consumo tem crescido à média anual de 20% e deverá chegar, este ano, a uns 5 bilhões de litros. As razões que têm impulsionado esse crescimento — a busca de saúde, bem-estar e segurança alimentar — são justamente aquelas que estão no centro das preocupações da ONU, diante da crescente escassez do produto e da perspectiva de que milhões de pessoas serão privadas desses benefícios inerentes à água.

O crescimento populacional e o aumento da contaminação dos mananciais indicam que, nas próximas duas décadas, o mundo passará por uma grave crise de abastecimento de água potável. O sinal de alerta foi dado por diversos estudos que demonstram uma queda acentuada na disponibilidade desse recurso: em apenas 25 anos, de 1970 a 1995, teria havido um

decréscimo de 37% no volume de água potável no planeta. Outros dados, do relatório do Fórum Mundial da Água, realizado no ano passado em Haia, na Holanda, mostram que uma em cada seis pessoas já não tem acesso a água limpa. Outros 2 bilhões não têm saneamento básico.

O desperdício e o crescimento do processo poluidor, a par do vertiginoso crescimento populacional, que deverá chegar a 8 bilhões até 2015, chamam a atenção de governantes e estudiosos em todo o mundo, preocupados em estabelecer políticas que assegurem à humanidade acesso à água potável. As autoridades brasileiras deveriam implantar uma séria e transparente política nacional de águas. Dispondo de 15% de toda a reserva de água doce de superfície e de cerca de 30% dos recursos mundiais de água mineral, o Brasil se coloca como um país privilegiado nesse cenário. Mas não podemos ignorar que temos também um dos mais perversos processos de poluição ambiental do planeta.

Felizmente, em São Paulo já se vislumbra uma luz no final do túnel, ainda que, por enquanto, na forma de projeto que tramita na Assembléia Legislativa. O projeto de lei que estabelece normas para cobrança pelo uso da água tem como princípio não taxar o consumidor, mas punir o poluidor e estimular a preservação, como forma de recuperar e proteger os mananciais. Assim é que o valor de cobrança para quem polui poderá ser até 100 vezes maior do que para quem usa. É apenas o começo, mas um bom exemplo que deve ser seguido por todo o País. ■

\* Geólogo e presidente da Associação Brasileira da Indústria de Águas Minerais (Abinam).